

Conversando com a Direita: Polarização Perniciosa no Brasil e a Filosofia de Paulo Freire^a

Talking with the Right-Wing: Pernicious Polarization in Brazil and the Philosophy of Paulo Freire

FANNY VRYDAGH^b

Université libre de Bruxelles, Centre d'Etude de la Vie Politique e Centre interdisciplinaire d'étude des Amériques. Bruxelles, Bélgica

CÉSAR JIMÉNEZ-MARTÍNEZ^c

Cardiff University, School of Journalism, Media and Culture. Cardiff, Reino Unido

RESUMO

A última década testemunha o desenvolvimento da polarização perniciosa no Brasil, em parte devido à emergência de uma agenda conservadora, populista-nacionalista e neoliberal. Este artigo aborda os pontos de vista dos indivíduos que se identificam como parte da direita, baseando-se em 21 entrevistas semiestruturadas com membros do Movimento Brasil Livre. Ao analisá-las por meio da filosofia de Paulo Freire, mostramos como sua narrativa de opressão ecoa na forma, mas não na substância, as ideias de conscientização e libertação de Freire. Sugerimos também que uma abordagem freiriana abre novas formas de discutir e potencialmente romper a polarização perniciosa, incorporando uma distinção significativa entre sectários e radicais.

Palavras-chave: Polarização, Paulo Freire, Brasil, direita, mídia digital

ABSTRACT

The last decade has witnessed the development of pernicious polarization in Brazil, partly due to the emergence of a conservative, populist-nationalist, and neoliberal agenda. This article addresses the viewpoints of individuals who identify themselves as part of the right-wing, drawing on 21 semi-structured interviews with members of the *Movimento Brasil Livre*. By analyzing the interviews through the philosophy of Paulo Freire, we show how their narrative of oppression echoes Freire's ideas of conscientization and liberation in form but not in substance. We also suggest that a Freirean approach opens new ways to discuss and potentially unlock pernicious polarization, incorporating a significant distinction between sectarians and radicals.

Keywords: Polarization, Paulo Freire, Brazil, right-wing, digital media

^a Artigo originalmente publicado em 2020, no número especial "The Legacy of Paulo Freire. Contemporary Reflections on Participatory Communication and Civil Society Development in Brazil and Beyond"; (Editores convidados: Ana Cristina Suzina, Thomas Tufte e César Jiménez-Martínez) da *International Communication Gazette*, 82(5), 456-473. <https://doi.org/10.1177/1748048520943695>

^b Professora da Université libre de Bruxelles. E-mail: fvrydagh@gmail.com

^c Professor da Cardiff University. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2921-0832>. E-mail: imenezmartinez@cardiff.ac.uk



INTRODUÇÃO

MILHARES DE BRASILEIROS tomaram as ruas nas cidades de todo o país em 15 de março de 2015. Protestaram contra a recessão econômica, os escândalos de corrupção expostos pela Operação Lava Jato – uma investigação sobre uma rede de subornos envolvendo todo o espectro político, incluindo os ex-presidentes Fernando Collor de Mello e, notadamente, Luiz Inácio Lula da Silva –, e exigiram o impeachment da então presidente Dilma Rousseff. Grupos de oposição conservadores ou de direita relativamente novos, como Movimento Brasil Livre e Vem pra Rua, estiveram por trás dessas manifestações, apoiadas principalmente por indivíduos de classe média ou alta (Davis & Straubhaar, 2020). As manifestações continuaram ao longo de 2015 e 2016, com membros desses e de outros grupos promovendo uma agenda conservadora, populista-nacionalista, neoliberal e por vezes até militarista, ao mesmo tempo que retratavam o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) como fonte de corrupção, autoritarismo e ineficiência, e Lula e Dilma como figuras políticas a depor.

O legal, mas altamente questionável, impeachment de Dilma Rousseff, em agosto de 2016, adicionou combustível à situação. As organizações de direita continuaram a crescer durante o governo de seu substituto, o polêmico vice-presidente Michel Temer, e a posterior campanha presidencial terminou com a vitória do populista de direita Jair Bolsonaro, no final de 2018. O surgimento desses grupos contribuiu para uma mudança social e política significativa no país. As dicotomias entre a *esquerda* e a *direita* foram substituídas por uma percepção crescente de “polarização perniciosa” (seguindo McCoy & Somer, 2019), em parte devido à cada vez maior visibilidade de uma direita radicalizada, que não tolerava desvios em sua própria posição e prometia simbolicamente, mas, às vezes, também de forma física, neutralizar o *inimigo*. A campanha presidencial da eleição de 2018 foi particularmente corrosiva. Lula foi forçado a abandonar o pleito após ser preso, acusado de corrupção – mas libertado dezoito meses depois –, e os apoiadores de Bolsonaro manifestaram, nas ruas e nas redes sociais, pontos de vista anti-establishment e antipetistas (Davis & Straubhaar, 2020; Hunter & Power, 2019). De maneira notável, um dos inúmeros alvos dos apoiadores de Bolsonaro foi Paulo Freire e seu legado, acusado de ser responsável por uma suposta *lavagem cerebral comunista* do sistema educacional brasileiro.

A principal preocupação de Paulo Freire era a educação; seu projeto filosófico, em última instância, objetivava provocar uma ampla transformação social, tendo em vista particularmente as persistentes desigualdades sociais no Brasil e na América Latina, durante as décadas de 1950 e 1960. Assim, e sem abandonar completamente a ênfase na educação, alguns se basearam na

filosofia de Freire – para além das especificidades dos métodos pedagógicos – para abordar questões mais gerais sobre a democracia, a penetração social do neoliberalismo, bem como a polarização política (por exemplo, Bolin, 2017; Holst, 2019; O’Cadiz et al., 2018). Embora nosso foco seja a comunicação e não a educação, concordamos que a filosofia de Paulo Freire, particularmente suas ideias sobre diálogo, sectarismo e radicalização, podem abrir novos caminhos para discutir e até mesmo romper os processos de polarização perniciosos que afetam sociedades em conflito, como o Brasil.

A partir de 21 entrevistas com ativistas da organização de direita Movimento Brasil Livre (MBL), este artigo tem como objetivo examinar percepções sobre o recente processo de polarização pernicioso social e política no Brasil, a partir do olhar desses indivíduos. Começamos com um panorama conceitual e contextual, examinando o que entendemos como polarização pernicioso e abordando como esse processo se manifestou no Brasil, na última década. Em seguida, analisamos como ativistas de direita propuseram uma narrativa de opressão para explicar a ascensão da direita no Brasil, com estágios cronológicos de suposta *vitimização*, *conscientização* e *libertação*. Embora essas etapas pareçam ecoar a filosofia de Freire, estamos cientes de que essas semelhanças estão na forma e não na substância. Por fim, sugerimos que a filosofia de Paulo Freire pode inspirar novos modos do pensamento para superar o processo de polarização pernicioso no Brasil, reforçando a possibilidade do diálogo e incorporando uma distinção significativa entre indivíduos ou grupos sectários, fechados em sua visão do mundo, e radicais, que almejam mudança social, mas estão abertos ao diálogo e à escuta, mesmo quando discordam do outro.

A CRESCENTE POLARIZAÇÃO PERNICIOSA NO BRASIL

Um espectro em competição de posições políticas – geralmente articuladas em termos de direita e esquerda – é uma característica normal de uma democracia saudável. Quando as diferenças se agudizam e os eleitores se separam em campos antagônicos e desconfiados, que percebem o *outro* como uma ameaça existencial, emerge a “polarização pernicioso” social e política (Sommer & McCoy, 2019). Assim, a polarização pernicioso não se refere simplesmente à distância entre as ideologias, mas alude às circunstâncias em que “a identidade política se torna uma identidade social, e assume características de tribalismo político, no qual os membros de cada campo sentem lealdade e simpatia pelo seu próprio grupo político, e desconfiança e antipatia em relação ao outro” (Sommer & McCoy, 2019, p. 9). Embora a polarização pernicioso seja relacional, a existência de uma extrema direita junto com uma esquerda igualmente extrema não é um



pré-requisito para que ela ocorra. Tradicionalmente, líderes ou organizações de uma tendência política específica a promovem inicialmente, ao simplificar a variedade normal de pontos de vista na sociedade em uma política maniqueísta de *nós e eles* (Somer & McCoy, 2019).

A pressão para se conformar com as mensagens e crenças de um campo pode conduzir a impasses e enviesamentos, um aprofundamento de crises pré-existentes e da política da pós-verdade, com os fatos distorcidos para favorecer a própria posição e prejudicar as rivais. Além disso, quando a oposição a grupos extremos – mesmo por aqueles do centro político – é impulsionada por termos e atitudes igualmente maniqueístas, o processo de polarização pernicioso pode se aprofundar, reduzindo a possibilidade de negociação e consenso (McCoy & Somer, 2019). A polarização pernicioso pode, portanto, minar a democracia, abrindo as portas para o colapso institucional, o autoritarismo ou o populismo. Este último sustenta-se ao enfatizar e explorar o antagonismo percebido entre uma *elite* dirigente em relação a um *povo* supostamente oprimido (Stavrakakis, 2018).

A estabilidade política e econômica desfrutada pelo Brasil desde o final dos anos 1990 e particularmente durante a primeira década do século XXI levou alguns a defenderem que o país havia consolidado seu sistema partidário, com a maioria dos eleitores gravitando em torno das políticas de centro-esquerda do PT ou de centro-direita do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) (Borges & Vidigal, 2018; Braga & Pimentel, 2011). Desde 2013, no entanto, argumenta-se que o Brasil tem apresentado um processo crescente de polarização pernicioso, manifestada, entre outras coisas, pela falta de confiança nos políticos, pela insatisfação da esquerda devido ao enfraquecimento dos laços entre os governos do PT e os movimentos sociais, e pela importância do *lulismo* e do *antipetismo* como marcadores identitários. Tudo isso favoreceu o surgimento de Jair Bolsonaro e a ressonância de suas visões extremas entre parcelas significativas do eleitorado (Davis & Straubhaar, 2020; Hunter & Power, 2019). Conseqüentemente, as diversas manifestações que tomaram o Brasil na última década foram interpretadas como gatilhos e expressões dessa polarização pernicioso (Davis & Straubhaar, 2020; Hunter & Power, 2019).

Analistas e acadêmicos brasileiros têm argumentado que essa polarização pernicioso, em parte estimulada pelas mídias sociais, não só facilitou a eleição de Bolsonaro, mas aprofundou-se ainda mais durante seu governo, com uma clara divisão entre apoiadores do governo, desprezados como *bolsominions*, e seguidores do PT, apelidados de *petralhas* (Gomes et al., 2019; Ortellado & Ribeiro, 2018). Os especialistas, conseqüentemente, alertaram sobre as possíveis implicações das visões extremas de Bolsonaro para a democracia brasileira (Muggah, 2018), reclamando da aparente insensatez dos eleitores (como observado por Welp, 2018),

e propuseram meios para um renascimento do centrismo (de Campos et al., 2019). As pesquisas recentes parecem confirmar essa tendência de polarização, com estudos argumentando que a maioria dos brasileiros está menos disposta a se relacionar com pessoas que possuem perspectivas diferentes (Gomes et al., 2019; Simonard, 2020). As evidências, no entanto, sugerem que a polarização perniciososa no Brasil é, na verdade, sustentada apenas por percepções, em vez de diferenças irreconciliáveis (Ortellado et al., 2016). Os desenvolvimentos sociais e políticos contemporâneos, no entanto, enrijeceram as opiniões e identidades políticas em todo o país, com as perspectivas opostas sendo descartadas em termos simplistas e os projetos políticos tornando-se indissociáveis de pontos de vista religiosos, familiares, sociais e econômicos. A política no Brasil, particularmente após a eleição de Jair Bolsonaro, aparentemente, se tornou um jogo de soma zero, caracterizado – especialmente entre os apoiadores mais ardorosos de Bolsonaro – pelo purismo e paixões que levam a argumentos de *comigo ou contra mim*, deixando espaço muito limitado para o acordo e a negociação.

METODOLOGIA: CONVERSANDO COM A DIREITA

Apesar da crescente atenção que o processo de polarização perniciososa no Brasil tem recebido, as discussões têm negligenciado, em grande parte, os pontos de vista dos indivíduos que se identificam como parte da direita. Há alguns trabalhos examinando o conteúdo de mídia produzido por esses indivíduos, particularmente por meio das redes sociais (por exemplo, Davis & Straubhaar, 2020; Romancini & Castilho, 2019; Zanini & Tatagiba, 2019), e levantamentos realizadas durante episódios de protesto (Ortellado et al., 2016). Poucos estudos (por exemplo, Barbieri, 2015; Rocha, 2019; Silva, 2016) abordaram diretamente as percepções e pontos de vista desses indivíduos.

A escassez de entrevistas com indivíduos e organizações de direita se deve, parcialmente, à dificuldade em consultá-los, como observado em outros contextos (por exemplo, Atkinson & Suzanne, 2012). Em nossa própria experiência, as pessoas que se identificam como de direita expressaram desconfiança em relação aos acadêmicos, rotulando-os como ativistas de esquerda. Por sua vez, alguns acadêmicos também manifestaram posições sectárias, menosprezando o valor da pesquisa sobre a direita, ao considerar que ela não tinha nada valioso a dizer. No entanto, o crescimento e a importância sociopolítica desses indivíduos e organizações no Brasil e em outros lugares fazem que seja impossível ignorá-los.

O foco deste artigo está no MBL. Esse grupo foi oficialmente criado em novembro de 2014, logo após a reeleição de Dilma Rousseff, mas surgiu de uma organização anterior chamada Movimento Renovação Liberal, que nasceu após



os protestos de junho de 2013. Os fundadores mudaram o nome para outro mais alinhado com o espírito de um movimento social e que também parodiou o nome do Movimento Passe Livre, um grupo ativista por trás de algumas das primeiras manifestações de junho de 2013 (Davis & Straubhaar, 2020; Jiménez-Martínez, 2020). Como mencionado antes, o MBL foi uma das principais organizações nos protestos que exigiam o impeachment de Dilma Rousseff.

Foram realizadas 21 entrevistas semiestruturadas com ativistas pertencentes ao MBL, entre novembro de 2015 e julho de 2017, até que a saturação dos dados fosse alcançada. Adotou-se uma estratégia amostral (Weiss, 1994), com pessoas sugerindo ou nos ajudando a entrar em contato com outros participantes. Alguns dos entrevistados estiveram entre os principais líderes e fundadores do MBL, e outros foram ativistas que ingressaram na organização em 2015 e 2016. Todos tinham menos de 30 anos, e três eram do sexo feminino. As entrevistas foram realizadas em português, em São Paulo, embora algumas também tenham sido realizadas durante um protesto em frente ao Congresso Nacional, em Brasília, em 2015. Todas as entrevistas foram anonimizadas.

Tentamos aplicar as ideias de Freire sobre o diálogo, procurando deixar o entrevistado à vontade, sem ansiedade ou julgamentos morais, a fim de entender por que e como os indivíduos se engajaram no movimento. Uma abordagem freiriana significava que, para entender a *visão do mundo* de cada informante, precisávamos nos preocupar com a criação de um *ambiente seguro*, no qual as crenças e os valores pudessem ser cautelosamente ouvidos e considerados. Assim, apesar de nossos próprios sentimentos e crenças sobre suas reivindicações, não adotamos uma posição normativa ou vulnerabilizamos suas ações. Sem essa abordagem, os informantes poderiam simplesmente ter rejeitado a entrevista ou até mesmo tê-la entendido como outra peça da polarização perniciosa.

Não ser brasileira facilitou essas trocas, porque a entrevistadora era vista como uma estranha. Os entrevistados foram questionados sobre sua trajetória como ativistas, bem como suas motivações para a adesão ao movimento. As entrevistas foram posteriormente transcritas e analisadas. Buscamos padrões de comprometimento, semelhanças nas narrativas, bem como sua relação com conteúdos de mídia social. Assim, embora o foco seja principalmente as percepções e crenças dos ativistas de direita, decidimos incorporar conteúdos que esses grupos disseminaram através de redes sociais e plataformas digitais.

UMA REBELIÃO DE OPRIMIDOS? A PERCEPÇÃO SOBRE A ASCENSÃO DA DIREITA NO BRASIL

Esta discussão baseia-se em uma análise preliminar das entrevistas. A característica mais marcante foi que os entrevistados construíram uma narrativa simplificada, retratando-se como vítimas de uma ideologia dominante – a percebida agenda de esquerda do PT –, e que, graças a seus sagazes e persistentes esforços, foram capazes de se libertarem para questionar a visão do *status quo*. Dividimos a narrativa em três estágios cronológicos interrelacionados: *Vitimização*, *Conscientização* e *Libertação*. Na primeira etapa, a vitimização resume o sentimento de opressão *ideológica* formulada nas entrevistas, tendo como pano de fundo uma suposta dominação sociocultural das ideias de esquerda no Brasil. A segunda, a conscientização, descreve o processo de se conscientizar sobre si mesmo como parte de um grupo, compartilhando esse sentimento comum e reforçando essa narrativa de vitimização. A terceira refere-se a uma libertação sectária, na qual o posicionamento de direita se liberta.

Como visto ao longo das entrevistas, ao mesmo tempo que a narrativa proposta por esses indivíduos parece ser uma inversão ideológica da filosofia de Freire (1968/2005) sobre o oprimido – que ele retratou como intrinsecamente associada à esquerda –, ela a ecoa apenas na forma, mas não em substância, a percepção de que grupos marginalizados por ideologias dominantes requerem a garantia da consciência crítica para mudar as estruturas de poder. A visão do mundo desses indivíduos se caracteriza pela percepção de uma impossibilidade ou, pelo menos, extrema dificuldade de diálogo com a esquerda – ao menos de acordo com os entrevistados –, enquadrando uns aos outros como inimigos e não como adversários políticos. Essa percebida impossibilidade de diálogo tem desempenhado, sem dúvida, um papel crucial durante todo o processo de polarização pernicioso que caracterizou o Brasil na última década.

Vitimização: A direita construída como oprimida

A maioria dos ativistas do MBL afirmou que se sentia estigmatizada por ser *de direita*, que eles entendiam como estar ligados a valores conservadores e ao neoliberalismo. A percepção deles era de que, durante os governos do PT, particularmente os liderados por Lula (2002-2010), era extremamente difícil expressar críticas aos que estavam no poder. Isso se deve, em parte, ao clima moderadamente otimista que dominou o Brasil, acompanhando o período de estabilidade política e econômica do país, sua bem-sucedida redução da pobreza e seu perfil mais significativo no cenário internacional, durante a primeira década deste século (Montero, 2014). Nesse contexto, os fundadores do



MBL nos disseram que as ideias *libertárias* estavam em conflito com o que era, para eles, o *status quo*, ou seja, a aparentemente inquestionável governabilidade e popularidade de Lula e do PT:

As pessoas envolvidas com a difusão de ideias libertárias não fazem ideia de como era a opinião pública anos atrás. Percebi que era libertário entre 2004 e 2005, e me lembro muito bem do sentimento naquela época. Os índices de aprovação de Lula eram algo como noventa por cento, mesmo após o mensalão, que foi um grande escândalo de corrupção que aconteceu durante seu primeiro mandato, e Lula ainda conseguiu ser reeleito. (“Rodrigo”, fundador do MBL, entrevistado em 2016)

Li sobre o Bolsa Família e perguntei a um amigo meu que estava falando sobre isso o tempo todo, “por que o Bolsa Família é tão bom?”. E ele me disse: “Que fascista você é!”. Eu não sabia nada sobre isso, estou indagando de modo inocente e honestamente, e sou insultado. . . . E então, ele começou a me rotular, assim: “Se você está questionando o Bolsa Família, é porque você é da elite branca”, entende o que quero dizer? (“Júlio”, membro do MBL desde 2014, entrevistado em 2017)

Os membros do MBL narram, portanto, o passado como um tempo opressivo, quando as opiniões questionando o que para eles era a ideologia dominante – aquela promovida pelo governo do PT – eram silenciadas e rejeitadas. Esse sentimento de vitimização é, no entanto, contrariado pelas evidências que mostram que as políticas do PT estavam longe de ser apoiadas pelo *status quo*. As organizações de mídia brasileiras desenvolveram, por exemplo, uma tensa relação com as autoridades de centro-esquerda, enfatizando acusações de corrupção, populismo e autoritarismo (de Albuquerque, 2019). Os membros do MBL enfatizaram, porém, seu senso de estigmatização. Como outro fundador lembrou:

Ser de direita em 2004, em um ambiente universitário, era um tabu maior do que é hoje, especialmente considerando que éramos estudantes de uma Faculdade de Direito, ativamente engajados na luta contra a ditadura militar. Então, tentamos agir como se fôssemos independentes, anarquistas, e deu certo, porque ganhamos as eleições para o grêmio estudantil. (“Augusto”, fundador do MBL, entrevistado em 2016)

Embora a citação ressoe a narrativa anterior da marginalização, ela também mostra as ações necessárias para superá-la. Vale ressaltar que os membros do MBL se disfarçaram como independentes ou anarquistas para obter gradualmente posições de poder, como o diretório acadêmico daquela universidade em particular. Isso foi em parte porque as posições de direita estavam associadas à

ditadura militar. De maneira notável, quando o MBL foi fundado, uma década depois, alguns membros admitiram o esforço para promover as ideias de direita, porque elas eram percebidas como maçantes e pouco atraentes:

Sentamos juntos [com outros dois líderes, em 2014] para conversar e entendemos que tínhamos a mesma visão do mundo. Então, tivemos essa ideia maluca de começar um empreendimento, uma startup, para promover nossas ideias e visão de mundo com uma embalagem mais atraente. Antigamente, tudo ligado a essa visão era chato, ou tecnicamente difícil de entender, conectado com a economia. As ideias simplesmente não eram atraentes. (“Vinicius”, entrevistado em 2016)

De acordo com “Vinicius”, as ideias de direita – essencialmente aquelas associadas ao neoliberalismo – eram geralmente consideradas maçantes, técnicas e muito racionais em comparação com o apelo emocional das de esquerda. Embora a narrativa da opressão seja evidente nesta citação, destaca-se que a solução proposta é explicitamente colocada em termos de mercado: o MBL se tornaria um “empreendimento, uma startup”, proporcionando uma “embalagem atraente” para suas visões políticas. A possibilidade de liberdade e libertação proposta pelo MBL emerge, portanto, da antítese da filosofia de Freire, ou seja, a transação comercial de ideias. Para o MBL, a política era percebida como um mercado, no qual pontos de vista particulares podiam ser comprados e vendidos. Isso contrasta com a política de esperança de Freire, baseada não apenas na produção de mudanças sociais pela ação coletiva, mas que ressalta, mais fundamentalmente, que essas mudanças devem visar produzir uma sociedade mais justa, livre de uma lógica dominante de mercado. Mais tarde, Freire (1998) expressou preocupação com a disseminação do neoliberalismo em diferentes dimensões da vida, clamando para que as pessoas “recusem a ditadura do mercado, fundada como é, na ética perversa do lucro” (p. 115; veja também Roberts, 2003; Singh, 2008).

Conscientização: Articulando a direita por meio da mídia digital

Além de se perceberem como vítimas, os membros do MBL também destacaram ao longo das entrevistas a importância dos recursos (*affordances*) das tecnologias de comunicação digitais para a coordenação e articulação da direita brasileira. Trata-se de uma observação significativa, particularmente na perspectiva de que, até muito recentemente, a academia costumava descrever a internet como uma tecnologia com potencial para ajudar os marginalizados (Singh, 2008), e as redes sociais como ferramentas por meio das quais forças principalmente progressistas coordenavam ações e disseminavam informações



(por exemplo, d'Andrea & Ziller, 2015). Ao mesmo tempo que a atenção acadêmica enfatizava como os ativistas de esquerda empregavam as mídias digitais, os entrevistados revelaram que os grupos de direita as estavam usando, no início, não apenas para reagir contra o que consideravam ser o discurso social dominante, mas também para desenvolver o que na superfície parece ser a *conscientização* (Freire, 1968/2005), assegurando-lhes uma consciência como supostas vítimas de um *status quo* esquerdista. Como dois deles nos disseram:

Lembro-me de uma comunidade do Orkut. Eu não fazia parte dela. Não estava participando dos debates, apenas lendo os comentários. No entanto, me lembro bem de seu nome; me atraiu muito, era *Eu sou de direita, e daí?* Antigamente, ser de direita ainda era malvisto, motivo de culpa, algo estranho. Era como se ser de esquerda fosse a única boa posição. Eu segui as conversas porque eu estava realmente interessado na questão de “como é que ser de direita é errado?”. Eu queria entender, mas não participei. (“Daniel”, ativista do MBL, entrevistado em 2017)

Eu era um membro ativo desde a época do Orkut. Lembro-me do escândalo do mensalão [em 2005]. Obviamente, não fiquei surpreso. Mas na época, usei as comunidades de Orkut para insultar o PT e criticar Lula, dizendo que ele ia ser preso etc. . . . Mais tarde, também estava em dois grupos no Facebook. Um era um grupo de esquerda e o outro era um grupo de direita que tínhamos criado. Nesses grupos, discutimos política, publicamos coisas, e ambos eram públicos, não privados. (“Bruno”, ativista do MBL, entrevistado em 2018)

Como “Daniel” e “Bruno”, a maioria dos entrevistados afirmou que começou a ser politicamente ativa on-line por volta de 2005 ou 2006, após o já citado escândalo de corrupção do mensalão, por meio de blogs, bem como o Orkut, uma plataforma de mídia social altamente popular no Brasil na época. Várias comunidades digitais com nomes como a citada *Eu sou de Direita, e Daí?* foram criadas, junto com outras como *Liberalismo Verdadeiro* ou *Fora Lula!*. De modo notável, e apesar do encantamento acadêmico com a internet como uma força aparentemente progressista, algumas dessas comunidades tinham mais seguidores do que suas análogas de esquerda. Enquanto em 2006 a página apoiadora do PT *Lula Presidente 2006* tinha trinta mil seguidores, *Fora Lula 2006* tinha cerca de 110 mil membros (Motta, 2006; Terra, 2006). É digno de nota que alguns, como “Bruno”, também eram membros ativos de grupos on-line de esquerda. Portanto, não se pode dizer que eles faziam parte de uma *bolha*, exposta exclusivamente a pontos de vista semelhantes (Pariser, 2011). No entanto, seu engajamento com outros pontos de vista também

não pode ser entendido como dialógico, pelo menos no sentido freiriano. Ao estar “insultando o PT e criticando Lula”, elementos básicos do diálogo, como ouvir o outro e o respeito mútuo, estavam ausentes. Em consequência, vários membros do MBL se engajaram em um monólogo digital sectário, não isolado de outras opiniões, mas ainda assim se fechando em uma visão particular de mundo.

Quando a popularidade do Orkut no Brasil acabou, essas comunidades migraram para o Facebook, onde outros grupos foram criados para compartilhar conteúdos supostamente *subversivos*, como a literatura clássica sobre o libertário e o neoliberalismo. De acordo com estudos anteriores (Davis & Straubhaar, 2020; Rocha, 2019), a internet abrigou esses grupos, permitindo-lhes desenvolver uma identidade e consciência comuns, baseadas em valores conservadores e neoliberais, como as citações abaixo ilustram:

Eu me interessei mais por política e olhei na internet sobre capitalismo e comunismo. . . . Fiquei saturado e continuei procurando mais e mais. No Brasil, temos esses grupos de discussão nas redes sociais, nós os chamamos de patotas, e isso é o que chamamos de um grupo fechado de intelectuais. Como a direita era vista no Brasil como coisa de militar, esses grupos estavam realmente fechados para nós. Mas, com as redes sociais, o acesso se tornou mais fácil e foi possível discutir com eles. (“Rafael”, ativista do MBL, entrevistado em 2016)

Eu estava em uma faculdade onde as pessoas estavam mais inclinadas a ser esquerdistas. Então, você se junta a um movimento que eles odiavam [o MBL], foi muito complicado. A atmosfera era muito hostil, perdi muitos amigos. Mas há uma contrapartida: ganhei muitos novos amigos, de todo o Brasil, pessoas legais que fazem você se sentir acolhido e são como você, pessoas que se identificam com você. Eu não sabia que havia tantas pessoas acreditando em nossas ideias. Então, valeu a pena. (“Isabella”, ativista do MBL, entrevistada em 2016)

As palavras de “Rafael” e “Isabella” mostram de que modo, como mencionado anteriormente, as tecnologias digitais facilitaram o que parece ser um processo de *conscientização*, com os membros da direita procurando superar suas limitações (Freire, 1974, 1968/2005). Sentindo uma falta de representação, mas também uma falta de respeito dentro dos círculos políticos, jornalísticos e acadêmicos, as redes e plataformas digitais tornaram-se um espaço não só de consciência compartilhada de uma percebida condição subordinada, porém, mais significativamente, de um espaço – como discutido na próxima seção – onde poderiam colocar seus pensamentos em prática, a fim de se *libertarem* e ascenderem a posições de poder.



Libertação: Lutando contra a esquerda

As manifestações mencionadas reclamando o impeachment de Dilma Rousseff foram um ponto de virada para a direita no Brasil. Ativistas do MBL afirmaram, ao longo das entrevistas, que os protestos mostraram que não eram mais párias políticos e, portanto, deveriam deixar de sentir vergonha de se opor ao PT. A direita, e o MBL, em particular, se fortaleceu durante 2015 e 2016, com suas ideias se tornando mais visíveis socialmente. Como lembrou um ativista do MBL:

Pouco a pouco, conseguimos chegar ao público e mostrar a eles que o liberalismo não é sobre o período da ditadura. Acredito que esse é o nosso objetivo agora. Queremos tocar os jovens, supostamente já politizados, e mostrar a eles que a posição da direita também pode ser boa. (“Rafael”, ativista do MBL, entrevistado em 2016)

No entanto, mostrar a outras pessoas que a direita poderia ser “algo bom também” significou, na prática, que suas posições políticas e identidades antagônicas e mutuamente exclusivas avançassem além de grupos marginais e se tornassem parte do discurso político mais amplo do Brasil (Davis & Straubhaar, 2020; Rocha, 2019). Significativamente, entrevistados como “Rafael” ressaltaram que seu apoio à direita foi puramente baseado em sua oposição à corrupção política e à defesa de valores nacionais, mas o conteúdo que o MBL produziu e circulou na e por meio da mídia conta uma história diferente. Fotos, memes, vídeos e textos pretendiam, na verdade, zombar ou mesmo ofender a esquerda, retratando-a como inimiga a ser derrotada, e Dilma Rousseff como uma figura simbólica a depor. Como um líder do MBL afirmou em 2017, durante o terceiro congresso nacional dessa organização em São Paulo:

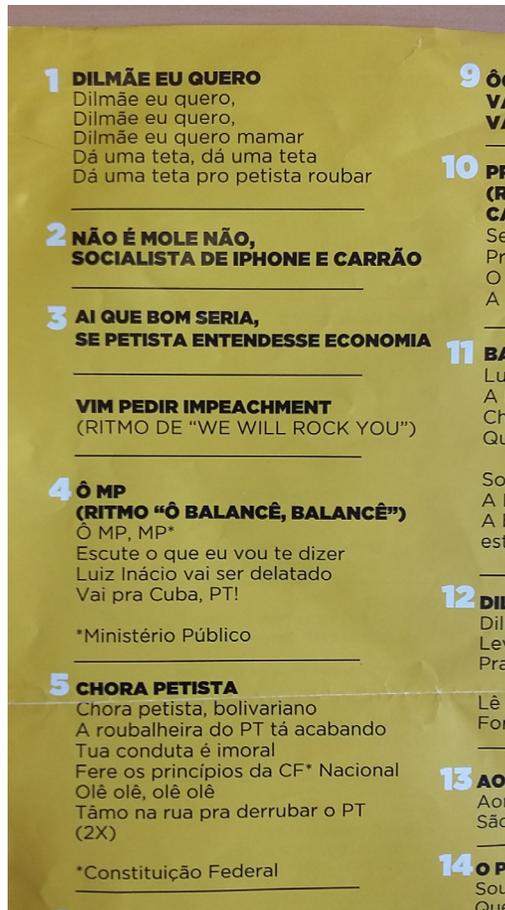
Sempre digo que criamos *memes de destruição em massa*. A esquerda diz, “não, a guerra cultural não existe”. Sim! Ela existe! Estamos entrando em um mundo descentralizado e a direita está construindo uma contracultura na internet.

Como mostra a citação, os conteúdos que circulam on-line indiscutivelmente expressaram e fortaleceram o processo de polarização política no Brasil, a ponto de memes serem comparados a armas que faziam parte de uma *guerra cultural* entre direita e esquerda, com a primeira tentando neutralizar a segunda. Um panfleto distribuído pelo MBL durante a ocupação do Congresso Nacional em Brasília é ilustrativo (Figura 1). Ele mostra as letras de várias canções que retratam a esquerda, e o PT, em particular, como economicamente ignorante, como hipócritas por ter iPhones e carros, e Lula e Dilma Rousseff como figuras corruptas autoritárias. Essas acusações não eram novas. Elas vinham

sendo expressas pela mídia nacional brasileira desde o primeiro governo Lula (de Albuquerque, 2019), mas são levadas a novo nível, com os esquerdistas retratados não como adversários, mas como inimigos com os quais é impossível e improdutivo se relacionar.

Figura 1

Panfleto do MBL



Nota. Panfleto distribuído durante a ocupação do Congresso Nacional, em Brasília, em novembro de 2015 Foto: Fanny Vrydagh.

Outras imagens produzidas e disseminadas pelo MBL seguem um padrão similar. Uma delas associou os governos do PT ao regime de Maduro na Venezuela (Figura 2), salientando que a ineficiência desse último seria replicada se o Partido dos Trabalhadores permanecesse no poder no Brasil. Outra contrastou duas bandas populares no país, com a que apoiava o impeachment rotulada como *mitos*, e a outra, apoiando Dilma, como *lixos* (Figura 3).

Figura 2 e 3
 Conteúdos do MBL



Nota. Reproduzidos da página do MBL no Facebook, abril de 2016.

As imagens são, portanto, uma expressão clara de polarização perniciosa, com a outra posição – neste caso, a esquerda – deslegitimada em termos simplistas e ofensivos, retratada não como um adversário válido, mas um inimigo indigno de ser escutado. Enquanto isso, o discurso entre os membros do MBL retratava a si mesmo simplesmente como protetores do *bom senso*, representantes e até mesmo *libertadores* da maioria dos brasileiros, que – segundo os entrevistados – foram oprimidos pelo poder de um suposto *status quo* esquerdista:

As ideias que estávamos defendendo nessa época eram ideias compartilhadas por toda a população. Mas, no começo, ninguém acreditava que era possível, e nós conseguimos. Os tiramos do poder e cortamos as relações com os países bolivarianos.

Tudo isso eram coisas que as pessoas queriam, mas, ao mesmo tempo, acreditavam que nunca aconteceria. (“Gustavo”, ativista do MBL, entrevistado em 2016)

Apesar da narrativa de opressão presente nas entrevistas, deve-se notar que as experiências dos entrevistados diferem significativamente da filosofia de Paulo Freire. Em primeiro lugar, várias comunidades on-line de direita receberam apoio organizacional de *think tanks* para tomar as ruas e garantir assentos no Congresso (Rocha, 2019). Assim, não vivenciaram escassez material e fizeram parte, seguindo os pensamentos de Freire (1997) na *Pedagogia do Coração*, da “rede do poder” que domina a produção e circulação de informações (p. 57). Em segundo lugar, as circunstâncias jogaram a favor deles. Os protestos de junho de 2013 foram originalmente interpretados como um triunfo da democracia, mas na verdade se tornaram uma oportunidade política para grupos de direita permearem os discursos sociopolíticos do Brasil (Rocha, 2019). Em terceiro lugar, a natureza fechada das comunidades on-line – reforçada ao longo do tempo por mudanças no algoritmo do Facebook, que enfatizam conteúdos de *amigos* sobre os de editores e agências de notícias (Cornia et al., 2018) – criou uma miragem de diálogo, com diferentes indivíduos reforçando seus pontos de vista e fortalecendo o processo de polarização pernicioso no Brasil. Os ativistas de direita compartilharam, por meio das mídias digitais, sua crença em serem membros de um grupo oprimido, cristalizando sua percepção de que aqueles de fora do *nós* – a esquerda – eram o inimigo, contra o qual não tinham outra alternativa a não ser se levantar e reafirmar suas próprias identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa de vitimização, conscientização e libertação proposta pelos membros do MBL não é incomum entre ativistas de direita. Em outros contextos, partidários da direita expressaram a sensação de serem oprimidos por um *status quo* dominante de esquerda (por exemplo, Nagle, 2017). Esses grupos, portanto, retratam-se como *contrapúblicos subalternos*, imbuídos da consciência de estarem subordinados, independentemente de estarem ou não em uma condição subalterna (Warner, 2002). Ecoando a discussão anterior sobre a polarização pernicioso, os membros desses grupos compartilham identidades, interesses e discursos sobre um conflito tão grande com o horizonte cultural dominante percebido – como a suposta dominação do PT em toda a sociedade brasileira –, que significa que eles enfrentariam reações hostis caso se expressassem diante de audiências com modos de vida assumidos como corretos, normais e universais.



É tentador ver a percepção de subordinação entre esses contrapúblicos como uma inversão da relação entre oprimido e opressor discutida por Freire (1968/2005), mas isso seria uma comparação espúria. Os ativistas de direita eram, em sua maioria, de um segmento elitista da sociedade brasileira, que historicamente faz parte dos opressores e não dos oprimidos, impondo suas visões políticas, econômicas e religiosas sobre a maioria da população. Eles podem não ter estado no governo entre 2003 e 2016, mas ainda possuíam muitos recursos materiais e simbólicos, como dinheiro, acesso a mídias digitais e apoio de *think tanks*. Além disso, seus discursos ecoavam os apresentados pelos conglomerados de notícias brasileiros desde o primeiro governo Lula, enfatizando acusações de corrupção, autoritarismo e populismo contra as administrações do PT (de Albuquerque, 2019).

Conicionados pela experiência de ser tradicionalmente o opressor, esses indivíduos interpretaram as mudanças sociopolíticas e culturais que, dentro das limitações, acabaram transformando seu estilo de vida anterior, como vitimização e marginalização. Como Freire (1968/2005) observa, “os antigos opressores . . . se sentem genuinamente oprimidos. Conicionados pela experiência de oprimir os outros, qualquer situação que não seja a anterior parece-lhes como opressão” (p. 57). Além disso, o diálogo e a empatia pelo outro – ou seja, a esquerda – foram vistos como extremamente difíceis ou até mesmo impossíveis. Essa é uma diferença significativa entre a filosofia do MBL e a de Freire. Embora a vitimização e a conscientização descritas por ativistas de direita pareçam se assemelhar à abordagem de Freire, sua libertação realmente elimina essa associação. Para Freire (1968/2005), a libertação nunca diz respeito a eliminar o opressor ou trocar de posição para se tornar um opressor em seu lugar. A libertação pretende libertar tanto o opressor quanto o oprimido. A libertação proposta pelo MBL conduz, ao contrário, à neutralização do percebido opressor – Lula, Dilma, o PT –, sem buscar eliminar a própria opressão.

Embora a opressão descrita pelos entrevistados seja uma construção, ela ainda tem implicações sociais e políticas. O aprofundamento da polarização pernicioso no Brasil e a subsequente eleição de Jair Bolsonaro em 2018 são um exemplo claro do apelo – pelo menos em parte – dessa narrativa de opressão e libertação ao eleitorado. No entanto, a questão de como lidar não só com essa narrativa de opressão, mas mais fundamentalmente com processos de polarização pernicioso que favorecem governos como o de Bolsonaro – que, uma vez no poder, muitas vezes tentam reforçar essa narrativa – tem intrigado estudiosos de todo o mundo. As discussões recentes têm observado como é difícil encontrar antídotos para prevenir ou reverter a polarização pernicioso. Os protestos parecem fazer pouca diferença, e as tentativas legais para estabelecer limites e regular o discurso social só têm mostrado resultados se forem aplicadas antes

do surgimento de processos de polarização política (McCoy & Somer, 2019). Argumentamos, no entanto, que a filosofia de Paulo Freire – que escreveu suas obras seminais em um contexto de polarização mais agudo – proporciona potenciais caminhos de reflexão.

As ideias de Freire sobre o diálogo, conforme discutidas em obras como *Pedagogia do Oprimido* (1968/2005) e *Educação como Prática da Liberdade* (1974), oferecem uma chave para romper esse processo. Em primeiro lugar, pelo seu exame dos papéis do oprimido e do opressor, Freire (1968/2005) propõe unir atores fundamental e dialeticamente separados por meio de um diálogo estimulado pelo amor, humildade, fé nas pessoas, esperança e pensamento crítico, e em que as partes são iguais. Da mesma forma, como observado por alguns estudiosos (McCoy & Somer, 2019), a polarização perniciosa é relacional, e depende não apenas da retórica e ações de determinados grupos – como as organizações de direita –, mas também de como seus opositores reagem. Sem surpresa, chamá-los de racistas, fascistas ou tolos que foram vítimas de notícias falsas aprofunda a polarização perniciosa. Em consequência, quanto mais são atacados pela esquerda ou pelo centro, mais encontram conforto em sua posição de serem estigmatizados (McCoy & Somer, 2019; Stavrakakis, 2018).

No entanto, esse tipo de abordagem levanta a questão de como aqueles da esquerda, centro e direita moderada podem responder ao estilo agressivo da extrema direita – assim como à extrema esquerda. A distinção de Freire entre sectarismo e radicalismo, e esse é o segundo ponto que queremos destacar, é crucial. Segundo Freire (1974, 1968/2005; ver também Holst, 2019), um radical está fortemente comprometido com suas crenças, mas ainda assim está aberto ao diálogo e disposto à humildade e ao pensamento crítico. Se esses princípios não forem seguidos, um radical se torna um sectário, fechado ao diálogo e preso em seu próprio fanatismo. Isso foi verdade para as comunidades on-line previamente discutidas, onde o confinamento do diálogo contribuiu para a formação de *seitas* digitais, que retratavam a esquerda como um campo oposto e irreconciliável. Assim, a resposta ao sectarismo de direita não deve ser o sectarismo de esquerda (Holst, 2019). O desbloqueio da polarização perniciosa deve, em vez disso, ser alcançado por radicais que têm humildade, reflexão autocrítica e uma mente aberta, particularmente tendo em vista que os grupos de direita parecem estar ganhando o debate por meio de argumentos falaciosos. Um radical pode ouvir os partidários de direita, mas isso não significa que aceite tudo o que dizem. Os acadêmicos também devem adotar uma posição radical e não sectária, e examinar esses grupos não para validar seus pontos de vista, mas para contribuir para instâncias de diálogo que desbloqueiam em vez de reforçar campos polarizados pré-existentes. Uma certa cegueira sectária dentro



da academia, por exemplo, impediu um exame mais aprofundado desses grupos em sua gênese, em parte devido a visões românticas sobre o poder da mídia digital, bem como devido a uma atitude depreciativa em relação aos ativistas de direita. Há, conseqüentemente, o risco de que os acadêmicos possam reforçar a demonização e a marginalização desses grupos, fortalecendo narrativas de opressão e impedindo qualquer possibilidade de diálogo.

Neste artigo, mostramos que indivíduos envolvidos em movimentos sociais de direita realmente têm *algo a dizer*. Ao olhar para seus pontos de vista por meio da gramática de opressão de Freire, poderíamos desvendar a dinâmica entre esse sentimento de opressão e sua posição sectária. Sugerimos que nossa experiência possa lançar alguma luz sobre como contribuir para derrubar o muro que separa essas diferentes posições políticas. Alguns passos já estão sendo tomados nesse sentido, dando algumas – ainda que moderadas – esperanças de otimismo. Alguns estudiosos têm questionado o argumento de que o Brasil está irremediavelmente polarizado, lançando luz sobre os múltiplos e muitas vezes inter-relacionados pontos de vista sociais e políticos que os brasileiros realmente têm (Ortellado et al., 2016). Os atores políticos também se engajaram nessa tarefa, como ilustrado pela produção de vídeos que discutem diferenças de valores e crenças entre diferentes grupos (Quebrando o Tabu, 2020). Além disso, até o MBL publicou um mea-culpa reconhecendo suas responsabilidades no desenvolvimento da polarização pernicioso on-line (Linhares & Zanini, 2019). Este texto, com todas as suas limitações, espera ser outro passo. ■

REFERÊNCIAS

- Atkinson, J., & Suzanne, V. L. (2012). Right wing activism: The next challenge for alternative media scholarship. In W. Stulz & T. Hug (Eds.), *Activist media and biopolitics: Critical media interventions in the age of biopower* (pp. 117-133). Innsbruck University Press. <http://books.openedition.org/iup/1179>
- Barbieri, A. O. (2015). *Do Fifa go home ao “fora Dilma”: Uma etnografia dos protestos de rua em Porto Alegre* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório institucional da UFRGS. <https://bit.ly/3y3gKul>
- Bolin, T. D. (2017). Struggling for democracy: Paulo Freire and transforming society through education. *Policy Futures in Education*, 15(6), 744-766. <https://doi.org/10.1177/1478210317721311>
- Borges, A., & Vidigal, R. (2018). Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. *Opinião Pública*, 24(1), 53-89. <https://doi.org/10.1590/1807-0191201824153>

- Braga, M. S. S., & Pimentel, J. (2011). Os partidos políticos brasileiros realmente não importam? *Opinião Pública*, 17(2), 271-303. <https://doi.org/10.1590/s0104-62762011000200001>
- Cornia, A., Sehl, A., Levy, D., & Nielsen, R. K. (2018). *Private sector news, social media distribution, and algorithm change*. Reuters Institute; University of Oxford. <https://bit.ly/2W9mOnU>
- d'Andrea, C., & Ziller, J. (2015). Violent scenes in Brazil's 2013 protests: The diversity of ordinary people's narratives. *Television & New Media*, 17(4), 324-334. <https://doi.org/10.1177/1527476415597769>
- Davis, S., & Straubhaar, J. (2020). Producing antipetismo: Media activism and the rise of the radical, nationalist right in contemporary Brazil. *International Communication Gazette*, 82(1), 82-100. <https://doi.org/10.1177/1748048519880731>
- de Albuquerque, A. (2019). Protecting democracy or conspiring against it? Media and politics in Latin America: A glimpse from Brazil. *Journalism*, 20(7), 906-923. <https://doi.org/10.1177/1464884917738376>
- de Campos, J., Zylberkan, M., & Paduan, R. (2019, 15 de novembro). Os desafios do centro em meio à polarização entre Bolsonaro e Lula. *Veja*. <https://bit.ly/3mkHtAs>
- Freire, P. (1974). *Education for critical consciousness* [Educação como prática da liberdade]. Continuum. <https://doi.org/10.1177/074171367402400405>
- Freire, P. (1997). *Pedagogy of the heart* [Pedagogia do coração]. Continuum.
- Freire, P. (1998). *Pedagogy of freedom: Ethics, democracy, and civic courage*. Rowman & Littlefield.
- Freire, P. (2005). *Pedagogy of the oppressed: 30th anniversary edition* [Pedagogia do oprimido]. Continuum. (Trabalho original publicado em 1968)
- Gomes, B., Bridi, C., & Lara, M. (2019, 14 de abril). Polarização política no Brasil supera média de 27 países. *UOL Notícias*. <https://bit.ly/2WdJoeP>
- Holst, J. (2019). Freirean dialectics and dialogue. In C. A. Torres (Ed.), *The Wiley handbook of Paulo Freire* (pp. 551-564). Wiley Blackwell.
- Hunter, W., & Power, T. J. (2019). Bolsonaro and Brazil's illiberal backlash. *Journal of Democracy*, 30(1), 68-82. <https://doi.org/10.1353/jod.2019.0005>
- Jiménez-Martínez, C. (2020). *Media and the image of the nation during Brazil's 2013 protests*. Palgrave Macmillan.
- Linhares, C., & Zanini, F. (2019, 28 de julho). MBL admite culpa por polarização no país e exagero em sua agressividade retórica. *Folha de S.Paulo*. <https://bit.ly/3sGUa9S>
- McCoy, J., & Somer, M. (2019). Toward a theory of pernicious polarization and how it harms democracies: Comparative evidence and possible remedies.



- Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 681(1), 234-271. <https://doi.org/10.1177/0002716218818782>
- Montero, A. P. (2014). *Brazil: Reversal of fortune*. Polity.
- Motta, D. (2006, 21 de maio). “Fora Lula” tem quase 110 mil membros. *O Tempo*. <https://bit.ly/3sAP6nu>
- Muggah, R. (2018, 8 de outubro). Can Brazil’s democracy be saved? *The New York Times*. <https://nyti.ms/3gj9zb8>
- Nagle, A. (2017). *Kill all normies: The online culture wars from Tumblr and 4chan to the alt-right and Trump*. Zero Books.
- O’Cadiz, M. del P., Wong, P. L., & Torres, C. A. (2018). *Education and democracy: Paulo Freire, social movements, and educational reform in São Paulo*. Routledge.
- Ortellado, P., & Ribeiro, M. (2018, 3 de agosto). Mapping Brazil’s political polarization online. *The Conversation*. <https://bit.ly/3y4MMWA>
- Ortellado, P., Solano, E., & Moretto, M. (2016). Uma sociedade polarizada? In I. Jinkings, K. Doria, & M. Cleto (Eds.), *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil* (pp. 159-164). Boitempo.
- Pariser, E. (2011). *The filter bubble: What the internet is hiding from you*. Viking.
- Quebrando o tabu (2020). *Fura a bolha* [Lista de vídeos]. YouTube. <https://bit.ly/3gistz2>
- Roberts, P. (2003). Pedagogy, neoliberalism and postmodernity: Reflections on freire’s later work. *Educational Philosophy and Theory*, 35(4), 451-465. <https://doi.org/10.1111/1469-5812.00041>
- Rocha, C. (2019). “Imposto é roubo!” A formação de um contrapúblico ultraliberal e os protestos pró-impeachment de Dilma Rousseff. *Dados*, 62(3), 1-42. <https://doi.org/10.1590/001152582019189>
- Romancini, R., & Castilho, F. (2019). Strange fruit: The rise of Brazil’s “new right-wing” and the non-partisan school movement. *Journal of Alternative and Community Media*, 4(1), 7-21. https://doi.org/10.1386/joacm_00040_1
- Silva, D. G. F. (2016). *Identidade em ambiente virtual: Uma análise da rede Estudantes pela Liberdade* [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório institucional da UnB. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/22245>
- Simonard, P. (2020, 5 de janeiro). Pesquisa Datafolha expõe a polarização política no Brasil. *Brasil 247*. <https://bit.ly/2UA558F>
- Singh, J. P. (2008). Paulo Freire: Possibilities for dialogic communication in a market-driven information age. *Information Communication and Society*, 11(5), 699-726. <https://doi.org/10.1080/13691180802124518>

- Somer, M., & McCoy, J. (2019). Transformations through polarizations and global threats to democracy. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 681(1), 8-22. <https://doi.org/10.1177/0002716218818058>
- Stavrakakis, Y. (2018). Paradoxes of polarization: Democracy's inherent division and the (anti-)populist challenge. *American Behavioral Scientist*, 62(1), 43-58. <https://doi.org/10.1177/0002764218756924>
- Terra, R. (2006, 15 de setembro). PF investiga ofensas contra Lula e Alckmin no Orkut. *Terra*. <https://bit.ly/3y4uQLR>
- Warner, M. (2002). Publics and counterpublics. *Public Culture*, 14(1), 49-90. <https://doi.org/10.1215/08992363-14-1-49>
- Weiss, R. S. (1994). *Learning from strangers: The art and method of qualitative interview studies*. Free Press.
- Welp, Y. (2018, 28 de outubro). Brasil y los votantes tontos. *El País*. <https://bit.ly/2Wbpd2>
- Zanini, D., & Tatagiba, L. (2019). Between streets and the Facebook: Engaged action in the pro-impeachment campaign in Brazil (2014-2016). In J. P. Ferrero, A. Natalucci, & L. Tatagiba (Eds.), *Socio-political dynamics within the crisis of the left Argentina and Brazil* (pp. 95-115). Rowman and Littlefield.

Artigo recebido em 23 de junho e aprovado em 28 de junho de 2021.